



CAMPUS REPÓRTER

2014 • ANO 9 • EDIÇÃO 15 • FACULDADE DE COMUNICAÇÃO • UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SANTA DICA • religião e rebeldia nos anos 30

PARTO HUMANIZADO • menos dor, mais acolhimento

LUÍS HUMBERTO • maturidade do olhar fotográfico



Comunicação Pública em Debate: Ouvidoria e Rádio

Organizadores

Fernando Paulino
Luiz Martins

Editora UnB

Comunicação Pública em Debate apresenta resultado das atividades desenvolvidas em parceria por profissionais da Empresa Brasil de Comunicação com professores e estudantes da Universidade de Brasília. Entre 2008 e 2012, a Ouvidoria da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) contou com a participação de universitários no acompanhamento e no diálogo da programação transmitida por emissoras públicas de rádio.



Mudanças e permanências do jornalismo

Organizado por

Dione Oliveira Moura
Fábio Henrique Pereira
Zélia Leal Adghirni

Com a colaboração de

Denis Ruellan
Florence Le Cam

Editora

Insular

Construído a partir da seleção das contribuições apresentadas durante o I Colóquio Mejor - Mudanças estruturais no jornalismo, realizado em Abril de 2011, em Brasília e organizado pela FAC/UnB. O livro é resultado de uma longa colaboração entre universidades brasileiras, européias e canadenses, no âmbito da Rede de Estudos Sobre o Jornalismo

CARTA DA EDITORA

As mulheres são personagens centrais nesta edição da Campus Repórter. Da mulher Benedita que liderou um movimento messiânico e religioso nos anos 30, passando pela entrevista da mulher Oléria, cantora jovem expoente, até chegar às mulheres (profissionais e parturientes) que reivindicam a humanização do parto no século 21. São estas mulheres que dão as boas vindas para mais uma trilha de nosso laboratório de produção jornalística... que tem muito mais, vejamos:

Campus Repórter mergulhou nos arquivos históricos e nos testemunhos dos que viveram o movimento messiânico e religioso em torno de Santa Dica, mulher que fez história no interior de Goiás durante a República Velha, até hoje memória presente no cotidiano do vilarejo de Lagolândia, próximo a Pirenópolis.

Também fomos ouvir profissionais e parturientes que defendem o parto humanizado em um Brasil no qual, na rede particular, 88% dos nascimentos são por cesáreas. E ainda na trilha das mulheres, Ellen Oléria é a entrevistada da edição, traz-nos histórias que contam do que é feito o canto.

Trazemos ainda uma reportagem sobre consumo – aquele consumo desenfreado, contumaz, repetitivo – que merece atenção e cuidado. Educação também está na nossa mesa de reportagens, com a pauta da Dislexia nos processos educacionais. Na seção de arte, abrimos as páginas para o mestre fotógrafo, professor emérito da UnB, Luís Humberto. Na altura de uma longa experiência, mira o horizonte com um olhar fotográfico que diz o mundo.

Brasília, dezembro de 2014

Dione Moura,
Diretora-executiva



QUANDO COMPRAR VIRA UM VÍCIO	6
COMO NASCEM AS CRIANÇAS	14
SANTA DICA	26
LUIZ HUMBERTO	38
ENTREVISTA: ELLEN OLÉRIA	44



QUANDO COMPRAR VIRA UM VÍCIO

TEXTO: KARLA BEATRIZ DE OLIVEIRA • DESIGN: IVAN SASHA • FOTO: ISABELLE ARAÚJO

Gastos excessivos e em serie são considerados doença por especialistas, colocando em risco as finanças e os relacionamentos

Um passeio pelos corredores do shopping pode se transformar em um grande desafio. A dificuldade está em controlar a ansiedade e o desejo de possuir algum objeto. Um momento que para muitos é de lazer e descontração, se transforma em sonho instantâneo e pesadelo constante dos viciados em compras. Cada peça parece estrategicamente escolhida para estar naquele lugar e os looks são montados em sua mente como justificativa para comprar. A calça jeans veste perfeitamente e, é diferente de tudo no armário. Mas, não tem uma blusa e um sapato para combinar. Essa história poderia ser um filme, bem parecido com *Delírios de Consumo de Becky Bloom*. Um roteiro que mostra uma jovem que na infância enquanto sonhava em poder comprar com o dinheiro de plástico belos sapatos, tinha que se contentar com os neutros e que combinassem com tudo. Os pais eram bem econômicos e sempre pensavam em poupar e ter algo duradouro. Aí poderia estar à desculpa por tanta sagacidade em cada compra, em cada objeto. Mas o que restou? Acúmulo, culpas, dívidas, dívidas e mais dívidas.

“Sempre comprei por impulso. Nunca planejei minhas compras exageradas. Basta ter um dinheiro a mais na carteira pra sair gastando. Já gastei meu salário todo comprando uns vestidinhos, acessórios, livros que nunca li. O salário do mês inteiro, gastei em uma tarde de compras”, desabafa a jornalista Luana Aires. Este comportamento tem sido percebido por estudiosos como crescente na sociedade de forma geral. O grande desejo em possuir coisas tem motivado o comportamento das pessoas e as levado a desenvolver doenças, dentre elas a compulsão.

De acordo com a psicóloga e especialista em Análise do Comportamento da Persona e Desenvolvimento Humano, Fabiana Cassimiro a compra compulsiva é caracterizada por excessos, totalmente incontrolável e de forma repetitiva durante o ato de comprar. Os sentimentos são confusos e, apesar do prazer momentâneo, a transferência de sentimentos é o que gera tais atos. “Compulsão é o comportamento de adquirir novos objetos que fogem ao controle do indivíduo”, explica.

Para a psicóloga Wanessa Torres, é importante que faça uma diferenciação entre coleção e compulsão. A diferença está nos sintomas patológicos que influenciam ou mesmo transformam o comportamento do indivíduo. “O colecionador tem um objeto claro, o de ter o maior número de determinado objeto. Já a compulsão, não existe um direcionamento ou mesmo objetivo, a pessoa perde a noção de suas ações e adquire objetos sem um fim específico”, contextualiza Wanessa.

As semelhanças entre Luana e Rebecca Bloomwood, personagem de Isla Fisher no filme *Delírios de Consumo* de Becky Bloom são perceptíveis. A trama é baseada na história de uma garota que não resiste a uma compra, nem mesmo à liquidações. Compradora compulsiva, Becky tem muitos cartões de crédito e dívidas que não condizem com o seu salário de jornalista. De uma hora para a outra ela vê sua vida fora do controle e com dívidas cada vez mais crescentes. Demitida do emprego e com contas a pagar em sua caixa de correspondência, Becky passa os dias inventando desculpas e fugindo de um cobrador.

Mesmo com tantos problemas, Becky não conseguia se manter longe do desejo de comprar. Assim como a perso-

ONEOMANIA

Ato de comprar indiscriminadamente que leva a aquisições excessivas e repetitivas para satisfazer uma vontade. É um transtorno denominado Transtorno Obsessivo-Compulsivo (CID 10 F42.8).

Obsessivo por apresentar pensamentos e impulsos que são inadequados ou intrusivos ao comportamento humano.

E compulsivo por apresentar comportamentos repetitivos com o intuito de prevenir ou reduzir o alto nível de ansiedade/sofrimento, uma compensação – explica a psicóloga Fabiana Cassimiro.

nagem, Luana afirma que gastar o salário em uma tarde não foi o único episódio da vida de compradora assumidamente compulsiva. Ela começou a mostrar indícios de compulsão ainda na adolescência. “Aos 17 anos me endividei. Tinha talões de cheques, cartões, vários facilitadores para minhas compras. Estourava o limite de todos e ia comprando mais e mais. Não conseguia planejar uma compra ou a quitação delas, até que minha dívida chegou a 14 mil reais.”

Para minimizar o problema, “meu pai pagou e cortou todos os meus cartões. Desde o episódio nunca mais usei cartão de crédito, nem cheque. Só compro em dinheiro e à vista”, explica. Mas, o ato de comprar não a abandonou, Luana é refém das muitas novidades do Pet Shop e não consegue sair do estabelecimento sem algum mimo para seu cão. Para Fabiana Cassimiro, “a pessoa pode ser consumista e ter controle sobre este comportamento de comprar e gastar. Já a compulsão foge ao controle do indivíduo, este comportamento começa a atrapalhar a vida, como por exemplo,



ARMÁRIOS LOTADOS DE OBJETOS, TÁTICAS PARA ESCONDER O CONSUMO E DESEJO DE COMPRAR SEM FIM ESPECÍFICO SÃO ALGUNS DOS SINAIS DA ONEOMANIA.

de pessoas que compram sem ter como pagar, compram produtos sem utilidade e prejudicam alguma área de sua vida”, explica.

A realidade da estudante universitária Társis Consorte é bem próxima ao enredo do filme. Ela costuma não resistir a um livro. Mesmo sem tempo para ler, acumula vários exemplares. A cena em que Becky Bloom atrasada para uma entrevista e sem necessidade compra uma echarpe verde, pela tal necessidade é emblemática aos compulsivos. “Meu ponto fraco são livros, disparadamente. Fora isso o que mais compro são brincos, pulseiras, colares e perfumes. Acho que sou um pouco fora de comum pois normalmente as pessoas tem compulsão por roupas, bolsas e sapatos”, explica. O comportamento descrito por Társis é um exemplo dos diferentes tipos existentes de compras e de compulsão.

Segundo Társis, o processo de compras está diretamente ligado ao crescimento profissional e cronológico. Ela conta

que as compras começaram a ser constantes desde seu primeiro salário. “Eu comecei a comprar em maior quantidade mais de uns três anos para cá, pois comecei a trabalhar e então podia pagar pelo que tinha vontade de comprar”, justifica a estudante.

E ao se sentir vítima da restrição pelas compras, Társis desenvolveu o desejo oposto: o de comprar em maior quantidade os desejos reprimidos por um período anterior. A psicóloga Wanessa Torres explica que períodos de restrição podem vitimar a pessoa e assim, a tornar eterna condescendente de sua própria lamúria. Ao colocar a justificativa para suas compras, o compulsivo resalta os sintomas desta patologia. “A restrição é um dos pontos mais latentes para configurar a doença, ela é a deixa dos compulsivos para comprar.” Outro fator perceptível da doença é a negação de que realizou a compra. Não são raros os pacotes escondidos, as sacolas camufladas, etiquetas arrancadas. Tudo para esconder dela mesma a sua compulsão.

consegue controlar ou impedir. Ao aparecerem e por serem pensamentos ruins, o indivíduo engaja na busca por comportamentos que irão reduzir este sofrimento. Este comportamento é repetido cada dia mais e só aliviam temporariamente essa sensação, a ponto de prejudicarem seu bem estar e sua vida.”, explica Fabiana Cassimiro.

O arrependimento é quase unânime nos excessos praticados pelos compulsivos. “Já me arrependi várias vezes por comprar algo que me empolgou na hora e nunca usei. Já doei roupas com etiqueta porque não usaria jamais e, nem sei porque comprei. Eu acabo me rendendo às vendedoras que sempre tem aquele jeitinho de fazer a gente se sentir culpada por provar uma coisa e não levar. Também é difícil resistir a promoções, sempre acho que aquela coisa em algum momento vai ser útil”, afirma Târsis. Já Luana: “sempre fico com culpa depois que gasto muito. Na hora é ótimo, me sinto bem. O problema é que sempre bate um arrependimento, já que poderia investir o dinheiro em outra coisa mais útil e realmente necessária”

O comportamento compulsivo tem sido destaque em pesquisas, estudos, filmes e novelas. Esta realidade foi retratada na novela *Salve Jorge* (2013), da Rede Globo, que mostrava a personagem encenada pela atriz Giovanna Antonelli como uma pessoa compulsiva por compras. Ao retratar esta realidade, o autor propôs uma aproximação do público a um problema que tem crescido principalmente pelas facilidades de acesso as compras e preços dos produtos.

PERDENDO O CRÉDITO

Os casos de dívidas são resultados diretos da compulsão. Os compradores não medem esforços para adquirir seus desejos e na maioria das vezes não consegue controlar a vontade de possuir o objeto “É necessário ao meu dia a dia”, foi assim que Allyne Couto começou a explicar os inúmeros produtos de limpeza que comprou nos últimos meses. A pedagoga não consegue sair do supermercado ou mercearia sem deixar de comprar algum produto de higiene. Ela não restringe suas compras a um único produto, mas a todas as novidades e variedades de objetos dispostos nas prateleiras. “Tenho vontade de aumentar o número de produtos.





TÁRSIS CONSORTE É UMA DAS PESSOAS QUE NÃO RESISTE AO ENCANTO DAS VITRINES.

Não é uma coisa consciente, quando eu percebo já comprei e acumulei. São gastos desnecessários e capazes de colocar em risco qualquer orçamento”, desabafa.

Allyne, Bethânia, Luana e Társis são exemplos de pessoas apontadas nos estudos realizados pela Universidade de São Paulo (USP) em 2012, onde, em média cinco a cada 10 pessoas, atualmente são viciadas em compras e desenvolvem algum tipo de compulsão. A doença não se manifesta sozinha ou mesmo existe um padrão para sua prática. A classe social, gênero ou mesmo idade não são capazes de padronizar os estereótipos de quem sofre de compulsão.

Este cenário mostra a realidade que muitos compulsivos vivem. Em pouco tempo e muitas compras depois se veem sem a realização ou solução de seus desejos infinitos, com acúmulo de dívidas e muitas vezes a inadimplência. Para a funcionária pública Bethânia Valle, falar de suas compras e gastos não é algo fácil. “Já me endividei por causa das compras, mas prefiro não comentar o valor”, responde com cautela. Há alguns anos, o hábito de comprar tornou-se companheiro do cotidiano de Bethânia.

Para a Anna Milhomem, “o mundo capitalista e o estímulo ao gastar e comprar ajudou a tornar esta prática de busca por satisfação, prazer e alívio de pressões, cada dia mais frequentes”. Este comportamento está ligado muitas vezes a compensação e a um mecanismo de defesa que o indivíduo desenvolve para enfrentar seu dia a dia. A compensação de um sofrimento, perda ou mesmo angústia é controlado pela escolha e o carregar das sacolas. A psicóloga complementa, “a pessoa costuma iniciar a compulsão, após passar por alguma situação de sofrimento ou muita insatisfação, fazendo com que este busque comportamentos para aliviar o sofrimento, trazer prazer ou satisfação”, enfatiza.

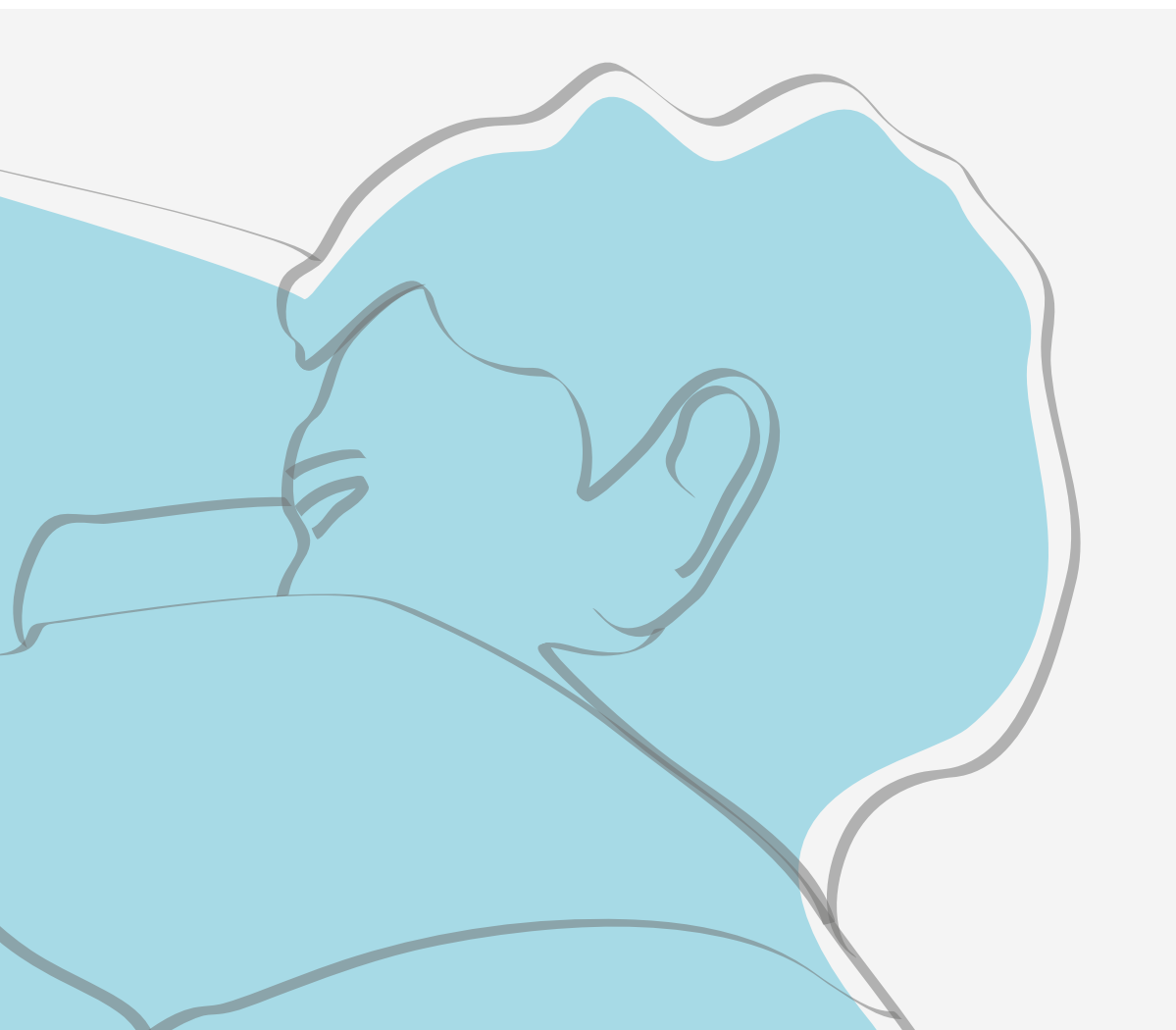
As transformações na sociedade modificam os hábitos e costumes dos indivíduos em geral. Com estas alterações, inclusive econômica, o ser humano desenvolve suas defesas e patologias como reflexo das vivências por quais passou. Assim, compreendemos que a compulsão por compras tem sido um dos reflexos mais presentes no cotidiano de muitas pessoas. A aquisição do objeto é a resposta para que possa controlar suas ansiedades e angústias.



COMO NASCEM AS CRIANÇAS

TEXTO: NATHÁLIA ZORZO • DIAGRAMAÇÃO: MARCELA ROCHA E RAQUEL CÂMARA • FOTOS: ISABELLA CALZOLARI

52% dos partos no Brasil são feitos com intervenções cirúrgicas, enquanto OMS recomenda que o índice não passe de 15%. País lidera ranking mundial



ÀS DUAS DA MANHÃ A SERVIDORA PÚBLICA VANESSA FLASMO, 31 anos, começa a sentir as primeiras contrações do parto. São suaves, espaçadas e irregulares. Ela tranquiliza o marido, Julio Corrêa, 37: “Calma, ainda falta bastante tempo para Otto chegar”. Continuam deitados tentando dormir. Por volta das quatro horas da manhã a bolsa se rompe. A água é escura, o que indica que o bebê pode estar em sofrimento, conforme havia explicado o doutor Álvaro Silveira durante o pré-natal. Vanessa e Julio decidem ir a Maternidade Curitiba, no Paraná,

mesmo sabendo que ao chegar lá nessa situação será quase impossível escapar de uma cesárea. A caminho do hospital as contrações ficam mais fortes e chegam uma atrás da outra. Dentro do carro Vanessa mal consegue ter tempo para respirar. Ao chegar, Julio toma as providências da internação enquanto a esposa se acocora no meio do corredor, na tentativa de aliviar as dores. Mais alguns minutos e a levam para a sala de triagem. E é aqui que começa a luta de Vanessa contra o falido sistema obstétrico tradicional brasileiro

“Tá de quantas semanas?” “41.” “Bolsa rota?” “Sim.” “Deita na maca que o obstetra já está vindo te avaliar.” “Não consigo deitar, prefiro ficar aqui.” “Preciso que você deite para ele te examinar.” “Ta.”

Chega o obstetra plantonista. Ouve o coração do bebê. Tudo bem. Faz o exame de toque. Sete centímetros. “É teu primeiro filho?” Pergunta. “Não, segundo” “O primeiro foi cesárea?” “Sim.” “E esse vai querer cesárea também?” “Não.”

“Ok. Enquanto teu obstetra não chega, vamos pro centro cirúrgico.” Ordena. “Eu preferia esperar no quarto até meu médico chegar.” Risos da equipe plantonista. “Não dá, mãezinha. Senta na cadeira de rodas pra eu levar você.” “Eu prefiro ir andando.” “Você não vai conseguir.” “Eu não vou sentar. Eu vou andando.”

A enfermeira oferece analgesia. Vanessa não quer. Pede para que ela deite até que o doutor Alvaro chegue. Vanessa prefere ficar acocorada no chão, na posição que a deixa mais confortável.

“Moça, deite na maca! O teu bebê está quase nascendo e ele vai cair de cabeça no chão. É isso que você quer?” “Se é só essa a ajuda que você pode me dar eu dispenso. Pode me deixar aqui sozinha, que eu sei o que é melhor para mim e para o meu filho.”

A enfermeira sai. Entra o plantonista.

“Eu preciso que você deite na maca porque não vai dar tempo do teu médico chegar, então eu vou fazer o teu parto.” “Eu já falei que não vou deitar e eu não preciso que você faça o meu parto. Eu sei fazer sozinha.”

O plantonista sai.

Vanessa começa a sentir uma vontade imensa de empurrar, fazer força. A dor some e a barriga abaixa assustadoramente. Nesse momento sai o tampão mucoso e a cada contração Vanessa sente a cabeça de Otto corando





FOTO: ARQUIVO PESSOAL

PARA A CURITIBANA VANESSA FLASMO, A MULHER DE HOJE ESTÁ DESCONECTADA DA SUA ESSÊNCIA, INSERIDA EM UMA SOCIEDADE DOENTE QUE DIZ QUE ELA NÃO ESTÁ PREPARADA PARA PARIR SOZINHA.

e voltando. “Vai nascer, chamem o meu marido!”, berra.

Julio entra na sala e a esposa não consegue falar nada, apenas pede que ele fique ali. Na contração seguinte o bebê coroa.

“Julio, olhe lá, saiu a cabecinha.” “Meu Deus, saiu a cabeça, o que eu faço? Vou chamar alguém!” “Não, tá tudo certo, não chame ninguém. Pega aquele pano e se prepara porque na próxima contração vai sair o bebê inteirinho e você precisa segurar. A única coisa que vai acontecer agora é que o Otto vai nascer.”

Vem a última contração, sem dor nenhuma, só a vontade de empurrar. Vanessa sente o filho saindo por completo de seu corpo. Um alívio indescritível. Uma sensação de poder, de domínio do seu corpo. Coisa que jamais havia sentido antes.

Julio segura Otto no colo, o enrola no pano e o entrega para a esposa: “Agora eu vou chamar um médico, Vanessa”. “Agora você pode chamar quem quiser!”

Otto nasceu às 6h da manhã do dia 30 de janeiro de 2014, com 3.750 g e 52 cm, de 41 semanas e 5 dias de gestação, depois de 4 horas de trabalho de parto sem nenhuma intervenção médica, amparado pelo pai durante um parto natural hospitalar desassistido.

O parto de Otto é uma realidade que só foi possível porque Vanessa Flasmo, mãe de segunda viagem já traumatizada com a cesárea de seu primeiro filho, se concentrou na ideia de que era capaz de parir sozinha, sem intervenções médicas.

A mentalidade e as atitudes de Vanessa, no entanto, são uma realidade de poucas mulheres brasileiras. Embora 70% delas optem pelo parto normal no início da gestação, são poucas as que conseguem fazê-lo. O dado é da Fundação Oswaldo Cruz, que divulgou em 2014 uma pesquisa inédita chamada Nascer no Brasil.

De acordo com o estudo, o Brasil é recordista mundial em cesarianas. Um levantamento feito anualmente pelo Ministério da Saúde aponta que, em 2013, 42% dos partos realizados no Brasil pelo Sistema Único de Saúde foram cesáreos. Na rede privada os números assustam ainda mais, chegando a 88%.

Em nível nacional, 52% das crianças brasileiras nasceram com auxílio de intervenções médicas, mesmo que as mães não queiram. Ao passo em que a recomendação da Organização Mundial de Saúde é de que no máximo 15% dos partos de um país sejam cirúrgicos. Isso porque, de acordo com a OMS, o número excessivo de cesáreas expõe desnecessariamente as mulheres e os bebês aos riscos adversos de uma cirurgia.

Para Daphne Rattner, graduada em medicina pela Unicamp e presidente da ONG Rede Pela Humanização do Parto e do Nascimento, os números são reflexo de uma cultura intervencionista inspirada no modelo norte-americano, que teve início nos anos 70. “Antigamente o modelo era centrado na parteira e nas doulas — mulher que dá apoio emocional à parturiente. Mas o parto em si era feito sempre pela própria gestante. O médico era acionado apenas nos casos de complicação. A transformação do parto domiciliar em hospitalar foi o que desencadeou o aumento das cesarianas no país.”

A partir daí outros fatores foram surgindo e agravando os índices. A noção de que a cesariana pode ser agendada e otimizada em uma linha de produção tomou conta dos hospitais. A parteira formada pela Association of Texas Midwives, Paloma Terra, que atua há mais de 8 anos na assistência a partos normais, entende que esse modelo é inevitável. “Atender um parto normal é algo que demanda muito tempo. Um obstetra tem que gerenciar um consultório de ginecologia, uma agenda de partos e a vida pessoal. Isso é humanamente impossível se não houver organização. E a cesariana foi o modo encontrado para resolver isso.”

Apesar de lamentar o sistema, Paloma considera compreensível a atitude dos médicos e acredita que isso é consequência de um modelo de assistência incoerente.

“É contraditório você formar um obstetra durante mais de 10 anos para saber lidar com casos de alta complexidade na área ginecológica para depois colocá-lo durante 12 horas segurando a mão de uma mulher e simplesmente ficar esperando o bebê chegar”. Paloma compara: “é como você formar um cirurgião ortopédico e ordenar que ele fique olhando crianças brincarem em um parquinho. Ele vai começar a enxergar perigos onde não necessariamente existem e vai querer colocar em prática o que aprendeu. É lógico: ele foi treinado para enxergar riscos e intervir”.

Bruno Ramalho é obstetra formado pela Universidade Federal de Uberlândia e proprietário de um consultório ginecológico em Brasília. Ramalho acrescenta ao debate o fato de que muitas gestantes optam pela cirurgia por questões de vaidade. “Elas querem contratar um fotógrafo para registrar o nascimento do filho, convidar parentes para presenciar o parto, se programar para a licença maternidade. São fatores culturais que já vem arraigados nas pacientes e que ficam mais fáceis de serem resolvidos quando se pode combinar a data exata em que o filho vai nascer.”

O fator financeiro também tem influência no modelo de assistência brasileiro. De acordo com o Ministério da Saúde, o valor pago ao obstetra em uma cesárea é de R\$ 150,00. Ao passo em que um parto normal custa R\$



175,00. Apesar de ser mais lucrativo para o profissional quando analisado de forma individualizada, a longo prazo, o parto cirúrgico é mais lucrativo para o médico. Isso porque o parto normal pode demandar o tempo equivalente ao que se gasta com seis cesáreas, a depender do tempo em que a gestante permanece em trabalho de parto.

Ramalho conclui que o fator financeiro, somado a necessidade de maximizar o tempo durante o expediente, acabam desencadeando uma insistência por parte do médico para que se opte pelo parto cirúrgico.

Antes de Otto, Vanessa Flasmo teve outro filho, Tales, que “nasceu por uma cesárea desnecessária e indesejada”, como ela define. Vanessa conta que fez o pré-natal com um médico de confiança que a encorajou durante toda a gestação a ter um parto normal. “Com 37 semanas o médico me levou para a cirurgia sem um motivo real. Fui a uma consulta rotineira do pré-natal e ele me disse que

Tales nasceria naquele dia, porque eu estava com muitas contrações e isso fazia o bebê sofrer”. Como Vanessa era mãe de primeira viagem, estava tomada pelo medo e não tinha informações suficientes para ampará-la, acabou cedendo.

Depois desse episódio, no entanto, Vanessa nunca mais foi a mesma. Ela conta que durante muito tempo conviveu com a sensação de que seu corpo tinha algum defeito porque não era capaz de parir. Ao buscar informação, ela contou a história a outro obstetra e teve certeza de que não precisava daquela cirurgia. “Doeu muito ouvir ‘Roubaram teu parto, Vanessa’. A cicatriz da cesárea hoje é imperceptível, mas a cicatriz na minha alma ainda sangra.”

O grande problema é que essa mania de assustar a mulher dá margem para que ela se submeta a intervenções que não conhece ou não quer, prática também conhecida como violência obstétrica. ▽

PARA DAPHNE RATTNER, PRESIDENTE DA REHUNA, O PAPEL DA ONG É TIRAR AS PESSOAS DA ZONA DE CONFORTO, AFINAL, SÃO OS INCOMODADOS QUE ACABAM MUDANDO E O BRASIL PRECISA JUSTAMENTE DE MUDANÇA.



Violências sofridas durante o atendimento ao parto

Fez o exame
de toque de
forma
dolorosa?

10%

Não te informou sobre algum procedimento que estava fazendo?

Negou ou deixou de oferecer algum tipo de alívio para a sua dor?

8%

Gritou com você?

Se negou a te atender?

Te empurrou?

1%

Te xingou
ou te
humilhou?

Te amarrou?

1%

Bateu em você?

1%

Assediou você sexualmente?

1%

Base: Entrevistadas que tiveram filhos naturais na rede pública ou privada (63%)

Para a Defensoria Pública da União, caracteriza-se como violência obstétrica a apropriação do corpo da mulher pelos profissionais de saúde, por meio do tratamento desumanizado e abuso de medicalização, causando à parturiente perda da autonomia e capacidade de decidir livremente sobre seu corpo. A pesquisa “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, divulgado em 2010 pela Fundação Perseu Abramo, mostrou que uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o parto. As mais comuns, segundo o estudo, são gritos, procedimentos dolorosos sem consentimento ou informação e negligência.

Patrícia é uma das mulheres que fazem parte dos números da pesquisa. Moradora de Itajaí, em Santa Catarina, ela relata que o nascimento do filho, em setembro de 2010 na Maternidade Marieta Konder Bornhausen, foi acompanhado de frases grosseiras e de negligência.

A catarinense conta que chegou ao hospital já em trabalho de parto avançado e imediatamente foi encaminhada ao centro obstétrico, onde permaneceu sozinha por pelo menos uma hora. O médico plantonista indicou ocitocina – vulgo “sorinho” – para acelerar o trabalho de parto. No entanto, Patrícia destaca que não foi consultada sobre o procedimento: “Eu sentia tanta dor que não sabia se aquilo era bom ou não para mim e para o bebê. Se fosse hoje, com certeza eu não ia querer, pois o desfecho do tal ‘sorinho’ foi quase trágico”.

A ocitocina foi aplicada em uma bomba de infusão, que foi mal regulada pela enfermeira. Por descuido, a profissional deixou o canal totalmente aberto e Patrícia recebeu, em poucos minutos, a quantidade de ocitocina que deveria ter recebido vagarosamente ao longo de quatro horas. “Eu tive uma contração tão absurda e desgracadamente dolorosa que só conseguia gritar. O médico veio correndo. Me perguntou o que havia acontecido e eu consegui falar ‘o soro’. Daí pra frente as coisas ficaram bastante confusas.”

Os gritos de dor foram imediatamente reprimidos pelo médico: “Não grite!”. Ela foi andando até a sala de parto e, quando ordenaram que se deitasse na mesa, reclamou que preferia ficar em outra posição porque daquele jeito não conseguiria fazer força. O médico lhe deu mais uma bronca e ela obedeceu.

Foi só então que o marido entrou na sala para acompanhar o parto e, em questão de minutos, Patrícia deu à luz. O nascimento, que estava previsto para o meio dia, de acordo com os cálculos do obstetra, aconteceu quase quatro horas antes, por conta da ocitocina. “Toda vez que me lembro disso, choro muito. Só tive ideia de que sofri violência bastante tempo depois, quando fui atrás de informação. Infelizmente não basta confiarmos no médico, temos que nos informar pra valer”, lamenta Patrícia.

Em situações como essa a orientação é que a vítimas formalize queixa na ouvidoria do hospital onde fez o parto, na secretaria municipal ou estadual de saúde ou na Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), caso o hospital seja privado. O Ministério da Saúde e o Ministério Público Federal também devem ser alerta-

dos. Além disso, a vítima pode denunciar o profissional que a atendeu no Conselho Regional de Medicina ou de Enfermagem.

MUDANÇAS SUBVERSIVAS

Na tentativa de amenizar os problemas que afetam os partos no Brasil, o Ministério da Saúde lançou em 2011 a Rede Cegonha. Um programa que visa incentivar o parto normal e intensificar a assistência integral à saúde de mulheres e crianças, desde o planejamento reprodutivo até o segundo ano de vida do filho. Atualmente a Rede está presente em mais de 5 mil municípios de todos os estados do país e atende a 2,6 milhões de gestantes.

Entre as ações do projeto está o custeio às Casas de Parto – locais onde só se atendem partos normais. Quem atende nas unidades são obstetrias – enfermeiras especializadas em conduzir partos normais – sendo que no caso de necessidade de encaminhamento da mulher ou do bebê, uma maternidade de referência mais próxima é contatada para recebê-los.

No Distrito Federal a única Casa de Parto que existe fica em São Sebastião, cidade a cerca de 30 quilômetros do centro de

Brasília. O local tem capacidade para atender somente três partos ao mesmo tempo e tem uma sala de observação para o pós-parto, onde outras três mulheres podem ficar acomodadas. Há ainda uma banheira, uma cadeira de parto, bolas e outros instrumentos alternativos para oferecer a parturiente e estimular o trabalho de parto. São realizados cerca de 35 procedimentos por mês na Casa de Parto. Além disso, a equipe faz o acompanhamento pré-natal e oferece aulas de educação neo-natal para as gestantes.

Jussara Souza Moraes, de 20 anos, é uma das mães que deu a luz na Casa de Parto. Quando entrevistada pela Campus Repórter ela descansava com o filho nos braços, de luz apagada, em uma das salas da Casa. O primeiro filho de Jussara, hoje com 4 anos, nasceu de parto normal no Hospital Materno Infantil de Brasília. Quando questionada sobre a diferença de parir em um hospital público convencional e em uma Casa de Parto, Jussara reflete: “O tratamento aqui é completamente diferente. Me senti acolhida e dona do meu próprio corpo. Pude ficar na posição que eu quis e não precisei de intervenções médicas. Quem fez o parto fui eu”.



Para a obstetriz e coordenadora da Casa desde 2001, Jussara Silva Vieira, a expansão desse serviço é um dos caminhos para que seja possível reduzir o número de cesáreas no país: “Já passamos por condições piores. Hoje estamos relativamente bem, porque conseguimos sensibilizar a Secretaria de Saúde. Mas muito ainda precisa ser feito.” Hoje apenas três obstetrias dão conta da demanda da Casa e em alguns casos, por falta de leitos, é necessário encaminhar a parturiente, que chega já em trabalho de parto, para um hospital.

Outras alternativas para mudar a trajetória dos partos no Brasil vem da Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento, um grupo formado por cerca de 500 profissionais e estudiosos da área. A ONG luta desde 1993 para diminuir as intervenções cirúrgicas desnecessárias durante o nascimento e

divulgar a compreensão do parto como algo natural e fisiológico.

Uma das principais conquistas da Rehuna foi a Lei 11.108, de abril de 2005, que garante a toda parturiente o direito à presença de um acompanhante durante o parto. Hoje a ONG milita no Congresso Nacional, conta com o apoio de alguns deputados e tenta influenciar na composição de políticas públicas, como a construção de mais Casas de Parto e a disseminação da prática do parto humanizado. Há ainda outra linha de atuação da Rede dentro do meio acadêmico, cujo objetivo é tornar a obstetrícia menos intervencionista.

A parteira Paloma Terra completa: “A maioria dos partos é simples, então você precisa de um profissional cuja formação seja simples. Não precisa de um cirurgião altamente especializado para lidar

com gestações de baixo risco”. Segundo Paloma, ao optar pelas parteiras o governo estará inserindo uma profissional que custa barato formar, tem uma atuação condizente com a demanda e ainda tem uma capacidade de doação muito grande. “Parteiras são apaixonadas pelo que fazem. Nascermos com o dom de ajudar a receber a vida e sabemos honrar a individualidade de cada mãe. Esse é o caminho. Não pode haver nada de mais importante.” 



RELIGIÃO E REBELDIA: A HISTÓRIA DE SANTA DICA

TEXTO: FELIPE BERNARDINO • DIAGRAMAÇÃO: BEATRIZ CHAVES E CAMILA MENEZES • FOTO: ISABELLE ARAÚJO

Movimento messiânico que questionou a propriedade da terra e foi reprimido pelas autoridades deixou marcas no pequeno povoado de Lagolândia, em Goiás.

EM UMA MANHÃ DE DOMINGO DE JULHO DE 2014, a população do povoado goiano de Lagolândia e religiosos católicos da região foram em romaria à única igreja católica dali. A banda local abria caminho para os peregrinos ao som de músicas religiosas entoadas por todos. Estavam ali para a Festa do Doce, que acontece todos os anos em homenagem ao Divino Espírito Santo desde que Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica, deu início à tradição. Lagolândia é um povoado fundado no começo do século passado por Santa Dica e não tem mais do que 500 habitantes. O distrito está para Pirenópolis como as antigas cidades-satélite estão para Brasília. Para se chegar a Lagolândia, não há estrada asfaltada e o sistema de transporte público que dá acesso ao povoado é precário. Quando precisam de serviços bancários e médicos, por exemplo, os moradores têm de viajar 30 quilômetros até a sede do distrito. A única instituição de ensino de Lagolândia foi fundada pela própria Santa Dica. A cidadezinha parece o embrião do que um dia foram cidades grandes e pequenas de Goiás, como a capital, Goiânia, e Pirenópolis ↴



Em muito, a única praça de Lagolândia lembra o que em outras cidades do interior do Brasil costuma se chamar “praça da matriz”: casas simples, pequenos merdos, alguns bares e uma igreja católica. Mas há um detalhe que marca a identidade de Lagolândia. Apesar da importância do catolicismo, não foi uma paróquia que promoveu o desenvolvimento do povoado. Na direção oposta à da Igreja está o salão dos trabalhos espirituais de Santa Dica.

Em frente ao salão, fica a gameleira sob qual jaz o corpo de Santa Dica, ao lado do segundo marido, Francisco Teixeira. Em 1925, moradores de Lagolândia se reuniram embaixo dos galhos dessa mesma gameleira para se protegerem de tiros que vinham de todas as direções. A ordem, contam documentos hoje reunidos na cidade de Trindade, na região metropolitana de Goiânia, era para que os moradores fossem alvejados “à distância de galinha”.

Há várias versões sobre o primeiro “fogo”, que é como os moradores chamam os ataques armados ao local. Na história de Lagolândia foram dois. Mas, quaisquer que sejam as explicações, todas confluem para o papel de liderança política de Benedita, que na época dos ataques já era conhecida como Santa Dica de Lagolândia.

Goiás atravessou todo o século 19 com a população isolada no sertão. As poucas cidades foram as que tiveram importância durante o ciclo do ouro, como Pirenópolis e Goiás, a então capital. Um trecho conhecido do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que relata o movimento messiânico de Canudos liderado por Antônio Conselheiro, diz sobre o homem do sertão, em comparação aos que moravam nos grandes centros: “não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos. Estudiosos da história goiana classificam como “decadência” o período após o ciclo do ouro, quando as minas do Estado se esgotaram. O historiador e padre espanhol Luís Palacín, em sua obra *Estrutura e Conjuntura numa Capitania de*



Minas, afirma que após o fim da exploração de minas de ouro e diamante em Goiás, no final do século 18, a população passou a viver num estado de “letargia coletiva”. Ao contrário de outras regiões brasileiras, como Mato Grosso, que àquela época já desfrutava de uma produção agropecuária relativamente conectada à sociedade paulista, a economia goiana passou a ser, basicamente, de subsistência.

Em tempos de penúria econômica, coronelismo e voto de cabresto, nasceu em 1903 na família Cipriano Gomes a pequena Benedita. Moravam na Fazenda Mozondó, região de Pirenópolis, onde, anos depois ela se tornaria santa e fundaria a Corte de Santa Dica.

Bernarda Cipriano Gomes faz parte do grupo de irmãos de Benedita. Todos têm nomes iniciados pela segunda letra do alfabeto. Além das duas, os irmãos Cipriano Gomes contavam com Bonifácio, Brasília, Benvindo, Boanézio e Berinjela.

Bernarda ainda hoje vive em Lagolândia, numa casa de alpendre espaçoso onde se encontram fotos e objetos ligados à história de Santa Dica. Ela conta que, quando tinha 8 anos, a irmã foi impedida pelo pai de ir a uma cerimônia de casamento. Foi nesse dia que as experiências mediúnicas que depois a fizeram ser considerada santa tiveram início. Pela negativa do pai, a menina decidiu ficar no quarto a fazer crochê. Mais tarde, foi encontrada pelo irmão Bonifácio desacordada e com linhas de costura fortemente amarradas por todo o corpo. Para acudir a irmã desacordada, Bonifácio colocou o pé da menina dentro de uma bacia de barro e cortou uma a uma as linhas amarradas pelo corpo dela.

Enquanto isso, segundo conta Bernarda, 16 falanges se manifestaram com mensagens desconexas, às quais Benedita inconscientemente dava respostas em voz alta. Uma delas dizia: “Eu vou dar meu cabelo para você”. Benedita então retrucava: “Não, eu não quero o seu cabelo”. Outra falange oferecia o próprio rosto para que

fosse da menina, e ela negava. Tudo isso era respondido apenas com o mover da língua, como outros entrevistados em Lagolândia reiteraram sobre outras ocasiões em que Santa Dica manifestou a mediunidade no decorrer da vida. “Isso aí eu vi muitas vezes: só a língua mexia”, diz Bernarda. No final, após os diálogos entre a menina e as falanges, as aparições teriam entoado cânticos, segundo relato do irmão. Bernarda conta ainda que Benedita voltou à lucidez sem saber o que tinha passado e apenas se lembrava das mensagens.

Bernarda nunca duvidou da capacidade mediúnica da irmã, apesar de se declarar da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela conta que, ainda nos primeiros anos de manifestações mediúnicas, um fazendeiro local visitou a casa onde Dica morava. Ela serviu água ao hóspede que, rispidamente, perguntou: “que idade você tem, menina?”. “Eu tenho 13 anos”, ela respondeu. “Você está numa idade em que pode se tornar uma coisa muito boa ou muito ruim”, disse. “Deus faz de mim o que ele quiser”, retrucou Santa Dica. Bernarda diz que esse fazendeiro era uma pessoa ignorante, por nunca acreditar em nada. Mas a objeção da adventista à mediunidade da irmã segue a linha de raciocínio do fazendeiro: pode ter sido uma coisa muito boa ou muito ruim.

A notícia das capacidades mediúnicas de Santa Dica não se limitava a Lagolândia. Sertanejos de localidades próximas enviavam os filhos para que fossem abençoados e recebessem orientações da Santa. Aos poucos, nos arredores da casa de Benedita foi se formando o povoado de Lagolândia. Sertanejos de regiões próximas migravam para o local onde havia sido abolida a economia monetária e o uso da terra era comum. O Rio do Peixe, da Bacia do Tocantins, que passa pelo local, foi rebatizado de Rio Jordão. Benedita celebrava casamentos, batizados, aconselhava e acolhia pessoas que procurassem ajuda. Os seguidores eram conhecidos como diqueiros.

“Eles a montavam num jumento e saíam com ela como se fosse Jesus”, conta a irmã Bernarda. Benedita Cipriano Gomes já era então Santa Dica de Lagolândia, a líder de um movimento messiânico.

O discurso de Santa Dica era capaz de incomodar não apenas as autoridades locais, basicamente fazendeiros, mas também líderes da Igreja Católica e jornais à época importantes em Goiás.

A historiadora Elma Correia teve conhecimento da história de Santa Dica pelo marido, Zicari Correia, nascido em Lagolândia. Segundo ela, a Santa foi alvo de uma campanha de desconstrução de imagem promovida pelo Estado, pela Igreja Católica e pela imprensa. “Essas três instâncias trabalharam em um discurso que denegriu e construiu uma contra-imagem da Santa Dica”, afirma a historiadora. “Santa Dica era caridosa, recebia as pessoas, oferecia abrigo e cuidado”, explica. Ela afirma que indivíduos de fora do movimento, pouco sabedores do que ali se passava, se incomodavam com o trabalho da santa e o que ela representava na região, e foram responsáveis pela desconstrução da imagem de Santa Dica perante a opinião pública.

Um dos jornais da época, o Santuário de Trindade, afirmava que Dica era “Antônio Conselheiro do sertão”, “Lenine de anquinhas”, “quenga do anticristo”, entre outros adjetivos.

Bernarda, a irmã da santa, afirma que antes mesmo de haver o primeiro fogo, autoridades e religiosos foram à região saber o que se passava em Lagolândia. “Clérigos vieram e gastaram uma caixa de fósforos queimando o pé dela, e ela não se mexia”, conta Bernarda. Isso além de alfinetes, que eram colocados embaixo da unha da santa enquanto estava em estado de mediunidade e, por isso, ela não tinha reação.

Vista com desconfiança por muitas pessoas de fora do movimento e sob constantes inspeções de autoridades no povoado, aconteceu o primeiro fogo. Tropas da polícia goiana ocuparam a região com a ordem de reprimir duramente os diqueiros.

Bernarda conta que no dia que as tropas chegaram a Lagolândia, Santa Dica estava com um vestido “maria-regateira” de listras cinzas e brancas. O pai não gostava que Dica usasse a roupa, presente de um namorado desaprovado por ele. Sete balas passaram por esse vestido enquanto Dica atravessava o rio para fugir dos ataques, mas nenhuma a atingiu. Ao final, Dica acabou capturada pela polícia e presa. Hoje, na casa de Brasília Gomes, sobrinha de Dica que foi criada por ela, estão guardadas algumas das balas encontradas após o ataque.

Foi depois do período de alguns meses na prisão que Dica começou a realizar tratamentos espirituais. Antes, apenas abençoava e aconselhava pessoas.

Bernarda conta que em 1926 uma das falanges informou Dica que ela precisava ir ao Rio de Janeiro salvar a vida de duas pessoas. Uma era a de um menino que não tinha cabelos. A outra, a de uma gestante que, por Dica não ter chegado a tempo à então capital federal, acabou morrendo antes que a encontrasse.

No Rio de Janeiro, Dica conheceu o primeiro marido, o jornalista Mário Mendes, natural do Rio Grande do Norte. Por influência dele, a santa foi apresentada à pintora Tarsila do Amaral, que fez uma gravura das feições de Dica.

De volta a Lagolândia, Dica retomou os trabalhos espirituais e reafirmou a influência política junto à população local. Beneficiado pelo prestígio da esposa, Mário Mendes se elegeu prefeito da cidade de Pirenópolis. Quase cem anos depois, a oposição entre o salão de Santa Dica e a igreja católica de Lagolândia é apenas espacial, com cada um de um lado da praça.

A própria Dica, que sempre se denominou católica, deu início à Festa do Doce e os rituais ainda hoje seguem as orientações que ela deixou. A festa homenageia o Divino Espírito Santo e acontece sempre no primeiro domingo do mês de julho. Os romeiros festejam durante todo o fim de semana e depois da missa de domingo são servidos doces típicos da culinária do interior brasileiro à população local: doce de leite, de banana, de mamão, de batata e outros.

Em 2014, passada a missa e rezado um Pai Nosso e uma Ave Maria e outras orações católicas, antes do bem servido almoço, os romeiros se saciaram em torno de uma mesa farta e colorida, com doces tradicionais da culinária do interior brasileiro: doce de banana, batata, leite, mamão etc.

Durante toda a festa, uma figura de destaque, ao lado do padre, era Divina Soares, a herdeira espiritual de Santa Dica e responsável pela casa. Divina conta que, em 1985, Dica se manifestou com o pedido de que desse prosseguimento aos trabalhos, o que a princípio ela não quis. “Depois de 15 anos que faleceu, ela apareceu pra mim ordenando o cargo”, lembra. “No começo eu não quis aceitar a tarefa, porque sou vaidosa. Não queria que me chamassem de macumbeira e que os mais velhos viessem me pedir a bênção”, justifica a atual líder.



LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET, LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET. LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET, LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET.



Menos por religiosidade tradicional do que por medo do que viram, muitos moradores não gostam de falar sobre os trabalhos espirituais de Santa Dica em Lagolândia. Uma senhora idosa que mora na mesma rua de Bernarda, a irmã de Santa Dica, relata ter visto Dica estirada no chão, com a boca sangrando depois de ter levado muitos tapas. Segundo essa vizinha, que não quis se identificar, a surra foi dada por seus próprios guias espirituais.

João Moreira Damasceno é um senhor alto e, sentado no sofá de sua casa em Lagolândia, ostenta uma postura firme. Ao demonstrar como é o manuseio de um fuzil, a parte superior do corpanzil se move com a mesma facilidade com que flui a conversa simpática de goiano idoso. Aos 19 anos, Damasceno combateu a Revolução Constitucionalista de 1932 sob o comando de Santa Dica. Naquele ano, tropas separatistas do estado de São Paulo se opuseram ao governo de Getúlio Vargas e exigiram a derrubada do então governo provisório e a promul-

gação de uma nova constituição. O evento, ainda hoje festejado no estado de São Paulo, foi combatido por tropas saídas de Goiás, que à época era governado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, fiel a Vargas e amigo de Mário Mendes. A explicação mais provável para o envolvimento de Lagolândia, sob o comando de Santa Dica, é a influência de Mendes sobre a líder local. Nessa época, o povoado já tinha algum respeito do governo do estado, como a proximidade entre o casal e o interventor demonstra.

Quando completou os cem anos de idade, Damasceno, hoje aos 101, escreveu um livro de memórias sobre fatos do século de vida. Sobre a Revolução de 32, ele afirma que se sentiu na obrigação de combater o movimento e defender os direitos do governo federal contra os paulistas. No dia da partida para os combates, durante a passagem por Pirenópolis, diziam que os combatentes seriam “bucha para canhão”. Da cidade de Anápolis

LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET, LOREM
IPSUM SIT DOLOR AMET. LOREM IPSUM
SIT DOLOR AMET, LOREM IPSUM SIT
DOLOR AMET.

(GO), partiram para Uberlândia, em Minas Gerais. Como o trem que saiu de Goiás rumo à cidade mineira não tinha vagão para passageiros, mas apenas de cargas, viajaram todos em pé. Já no destino, se uniram a outras tropas ali concentradas e tiveram cerca de 30 dias de treinamento. De Uberlândia, partiram para Uberaba (MG) e em seguida para Ribeirão Preto, já em São Paulo.

No fim de semana da Festa do Doce deste ano, Damasceno, que hoje mora em Goiânia, estava com toda a família na casa que mantém em Lagolândia. Quando fala de Santa Dica, logo se vê que a conterrânea faz parte da memória afetiva. Ele destaca que Dica ocupava, de fato, posição de liderança entre os homens. “Ela participou de todos os debates”, diz, em referência às reuniões de planejamento estratégico que aconteciam no percurso até Ribeirão Preto. “Todo mundo obedecia ela”, conta.

Apesar de combates armados terem feito parte da história local desde a fundação de Lagolândia por Santa

Dica, quando saiu do povoado para combater o levante paulista, em 1932, a tropa tinha uma deficiência básica: não estava apta a marchar. Os soldados, bravos sertanejos humildes, não sabiam distinguir a perna esquerda da direita. A solução pedagógica encontrada por Santa Dica foi amarrar uma palha de milho em uma das pernas de cada soldado, como conta Damasceno. “Ela pegava uma palha de milho, que era amarrada na perna da frente”. Dica então gritava que a perna com palha deveria dar um passo adiante. E, assim, os sertanejos combatentes marchavam contra o levante paulista.

Mesmo com o despreparo técnico da tropa de Lagolândia, e dos temores por que passou Damasceno em 1932, não apenas todos voltaram sãos e salvos, sem nenhum ferimento, como não foi preciso que dessem nenhum tiro contra os paulistas.

Além dos dois “fogos” que tomaram o povoado e da ida a São Paulo contra a Revolução de 1932, há relatos



da passagem da Coluna de Luís Carlos Prestes pela região, quando Dica interceptou o grupo. A Coluna Prestes saiu do Rio de Janeiro em 1922 e percorreu boa parte do interior brasileiro. A princípio, segundo contam moradores de Lagolândia, a postura da líder local foi de receio contra o grupo de estranhos armados que por ali passavam. Mas, uma vez que se encontraram, Dica tornou-se simpática às idéias do comandante, segundo relatos de Elma .

Quando houve a segunda invasão a Lagolândia, no segundo fogo, dessa vez por jagunços de fazendeiros locais, Santa Dica já tinha se divorciado de Mário Mendes e estava casada com Francisco Teixeira, que atuava como um delegado não oficial em Lagolândia. Os moradores não gostam de falar sobre esse episódio, pelos traumas que deixou no local, e também pelo fato de muitos terem pegado em armas para defender o povoado. Nessa ocasião, um jagunço ma-

tou o filho de Dica com Mário Mendes, Pedro Mendes. Com o primeiro marido, Dica ainda teve três filhas, que hoje vivem em Goiânia.

Na fase final da vida, Dica dividia o tempo entre Lagolândia e Goiânia, onde conheceu políticos importantes, como Juscelino Kubitschek, que após o período como presidente da República elegeu-se senador pelo estado de Goiás.

Santa Dica faleceu em 1970, em Goiânia, e teve seu corpo transferido para uma cova em frente ao salão dos trabalhos espirituais em Lagolândia, à sombra da gameleira onde um dia se protegeu de balas que vinham da polícia. O espaço, “de bom tamanho”, é cuidado pela Associação de Mulheres de Lagolândia, que Santa Dica fundou e hoje é presidida por Divina. Do latifúndio que um dia foi parte da Fazenda Mozondó, depois se tornou a Corte de Santa Dica e hoje é Lagolândia, uma parte coube a ela.



LOREM IPSUM SIT DOLOR AMET, LOREM
IPSUM SIT DOLOR AMET. LOREM IPSUM
SIT DOLOR AMET, LOREM IPSUM SIT
DOLOR AMET.



LUIS HUMBERTO

TEXTO: MARCELO FEIJÓ • DESIGN: BEATRIZ CHAVES • FOTO: LUIS HUMBERTO

O MUNDO DA POLÍTICA, mais especificamente a representação do poder durante o governo militar, é um tema fundamental na obra de Luis Humberto. Sua interpretação deste período se inscreve na mesma lógica que marca toda sua obra, seu olhar inquieto e transformador. As imagens revelam claramente que o repórter fotográfico é sim uma testemunha da história, mas apresenta uma realidade filtrada por sua sensibilidade. O resultado é que sua fotografia política desmonta o circo do poder ao revelar a fragilidade da condição humana, presente também nos detentores do poder, por mais que eles se apresentassem como figuras altivas e intocáveis. Não há traços de maneirismos ou virtuosismos na sua fotografia. Em tempos de excessos — excesso de imagens, de sons, de informações — a fotografia de Luis Humberto transita por outros caminhos. É uma imersão num mundo singelo, sem desperdício, profundo e radical. Não há retórica em suas imagens. Não há ornamentos. Não há efeitos especiais. Há apenas um enquadramento preciso e limpo. Há o momento decisivo. Há, sobretudo, ousadia e irreverência, como na imagem clássica das cabeças cortadas na cerimônia de beija-mãos no Palácio do Planalto. Não é possível contar a história do fotojornalismo brasileiro sem falar de Luis Humberto, também professor e um dos fundadores da Universidade de Brasília.

◀

1. Mario Henrique Simonsen, Ministro da Fazenda do governo Geisel, 1976 (detalhe da fotografia).
2. Jornalista Pompeu de Sousa, fundador do Curso de Comunicação da UnB, e presidente JK, 1972.
3. Fila de cumprimentos ao presidente Figueiredo, Palácio do Planalto, 1979.









Ellen
Alexia
L

ENTREVISTA

TEXTO: CAMILA CURADO • DESIGN: BEATRIZ CHAVES E RAQUEL CÂMARA • FOTO: ISABELLE ARAÚJO

Com uma carreira que se iniciou 12 anos antes da aparição na TV, a cantora e compositora fala da formação musical e afirma a potência de seus ideais.

SENTADA EM UMA CADEIRA NO LADO ESQUERDO DO TERRA VIVA, restaurante vegetariano da 201 Norte, Ellen Gomes de Oléria aprecia o prato que acabara de se servir. “A gente toma sopa todo dia”, diz referindo-se a ela e à esposa Poliana Martins, que jantavam juntas. Perguntei quando começaram a frequentar o local e elas ficaram buscando na memória o primeiro dia em que foram ali. Poliana disse que tinha costume de ir ao restaurante quando estudava na Universidade de Brasília, mas que a Ellen só começou a ir depois de se conhecerem. A simplicidade da blusa branca e da calça jeans não escondia a elegância da cantora, assim como os óculos de grau modelo aviador com armação branca também não ofuscavam nem um pouco o olhar vibrante. Basta passar alguns minutos na presença dela para ser conquistado pela risada envolvente que, combinada à seriedade com que maneja o trabalho e às opiniões fortes, compõem o equilíbrio de sua personalidade. Depois da sopa, todas as atenções dela se voltaram para a revista **Campus Repórter**, que esteve durante mais de duas horas na presença da cantora, entre a conversa no restaurante e a sessão de fotos no Balaio Café 

VOCÊ É AUTODIDATA
E CHEGOU A AFIRMAR
QUE TOCAVA SEM
SABER OS ACORDES.
COMO FOI ISSO?

Eu ainda toco sem saber os acordes. Alguns já conheço pelo nome. Mas é muito difícil quando muda um dedinho de lugar. Ele ganha um sobrenome, né. E eu ainda não sei ler cifras, não leio tablatura de jeito nenhum e estava tentando aprender a ler partitura, para começar, inclusive, a aprender melhor.

AGORA?

É, na vida adulta. Um pouco complicado, nesta altura do campeonato. Mas estou tentando. Me matriculei no Clube do Choro, fiz dois meses de aula lá. Tive que trancar minha matrícula por causa das viagens e continuo estudando em casa sozinha.

E COM RELAÇÃO AO
CANTO, VOCÊ CHE-
GOU A FAZER AULAS?

Fiz aula de canto na universidade, com uma professora muito querida que dava aula de voz e dicção no curso de artes cênicas, já falecida, Silvia Adriana Davini. Se tornou uma grande amiga e deixou muitos ensinamentos que levo para a estrada.

E QUANDO É QUE
VOCÊ SE VIU COMO
CANTORA PELA
PRIMEIRA VEZ?

Quando me identificaram como cantora.

QUANDO FOI?

Eu e minha irmã fomos convidadas para cantar no grupo da igreja Batista que a gente frequentava. Eu tinha 11 anos e a Eliene tinha 12. Aí começamos a cantar. Acho que foi quando eu entendi: “Poxa, eu canto, né. Legal!” Depois, outras coisas começaram a fazer sentido.

E A COMPOSIÇÃO,
QUANDO FOI QUE
ELA SURTIU?

Só me percebi como compositora na minha vida adulta, apesar de escrever desde muito pequena. Desde que comecei a frequentar a Igreja Batista, com 9 anos, brinco de musicar e compor com minha irmã. Mas só me descobri compositora dentro da Universidade de Brasília, depois do curso da Fernanda Felisberto, de literatura negra. Foi um curso de extensão oferecido pelo NEAB, o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros. A gente começou a ler várias escritoras negras e tive contato com uma



literatura que eu não tinha tido a oportunidade de ver. Elas nunca fizeram parte do meu currículo em nenhum curso que eu fiz. Aí, de repente, eu ouço falar de Toni Morrison e tantas outras mulheres poderosas como a Carolina de Jesus. E foi muito impactante. Quando acabou o curso, falei: “Uau! Sou escritora! Eu componho!”. E eu já tocava minhas músicas. Estranhamente nunca tinha me identificado como compositora.

MAS POR QUÊ?

Me faltaram espelhos. Aí de repente eu recebi um.

DAS MÚSICAS QUE VOCÊ COMPÔS, ALGUMA MAIS MARCANTE?

Não, cada uma conta um tempo, não tenho esse apego com uma produção não. Mas tenho, hoje, um carinho muito especial pela música *Testando*. Antes de qualquer experiência super midiática, qualquer super explosão, essa música me levou para muitos lugares. Primeiro show que fiz fora de Brasília foi muito bonito. Toquei em Salvador, no Pelourinho, e as pessoas pediam minhas músicas pelo nome e cantavam

comigo. Isso foi em 2009, acho. Eu nem tocava na rádio, não tinha distribuidora. Eu que mandei prensar o disco, como que as pessoas conheciam o meu som? A internet me aproximou das pessoas de uma forma muito bacana. Eu sou muito grata por isso.

POR ESTAR EM BRASÍLIA, VOCÊ TEVE ALGUMA RELAÇÃO COM O ROCK DOS ANOS 80?

Não gosto muito do rock dos anos 80, mas me lembra muito meu irmão. Ele tocava todas de todos os

caras que você imaginar. Todas do Legião, todas do Capital. O Renato Russo é um dos meus compositores prediletos. Mas, para mim, é uma música muito temporal. Eu ouvia muito quando era adolescente. E marca um tempo. A música tem disso. Tem a ver com memória, com pertencimento, com identidade. Hoje eu sou outra. Outras. Não é um som que eu costumo revisitar. A gente fez um especial Renato Russo, cantei *Teatro dos Vampiros* aqui. Foi muito emocionante. E para cantar um deus da música brasileira, que é

SÓ CANTO DELA TER ME ME

o grande poeta que marcou história e continua conosco. Acho ele, Nando Reis e Milton Nascimento meus letristas brasileiros prediletos. Por isso: por transformar coisas super cotidianas em poesia.

VOCÊ DEMONSTRA TER FORTE INFLUÊNCIA DA MÚSICA NACIONAL, MAS E A MÚSICA INTERNACIONAL, COMO ELA ENTRA NA SUA CARREIRA?

Ah, ela entra muito antes de eu pensar em nascer. Ela entra quando ela toca na trilha da novela e eu estou lá assistindo. Ela entrou pelos ouvidos, faz parte do imaginário. A gente bebe muito da influência estadunidense,

que está presente em tudo. Está presente na nossa língua. Negar isso seria muito bobo, porque eu acho que nos faz muito bem. Como tudo, é preciso escolher bem. Em tudo tem coisas maravilhosas e coisas terríveis, da igreja ao boteco. A gente só precisa fazer nossas seleções. Nunca fui muito aficcionada pela música francesa, mas agora há pouco fui muito impactada pelo disco de um jovem como eu, o Stromae. Que som bacana! Grand Corps Malad e Féfé, rappers franceses, também muito legais. Em todo lugar a gente escuta uma nova paisagem sonora, que interfere em como a gente ouve a nossa própria música e como a gente se percebe.

E VOCÊ ESTEVE NA EUROPA RECENTEMENTE. QUAIS FORAM AS SEMENTES QUE VOCÊ PLANTOU LÁ PARA COLHER NO FUTURO?

Nessa breve passagem pela Europa e também pela África, nossa intenção é sempre compartilhar o que a gente tem recebido, como a gente faz no nosso país. A hora de fazer um setlist, para mim, é como servir os amigos que vêm para um almoço. A gente só bota na mesa depois de provar a comida e saber que está boa, né? Só canto a canção depois de ela ter me atravessado, me rasgado, me emocionado. É essa que quero cantar e é essa

emoção que quero trazer e atualizar. Foi assim em todos esses lugares. E não há nada mais frutífero do que a verdade. Então, cantei minhas verdades por aí e encontrei muita gente bacana.

POIS É, E AGORA VOCÊ ESTÁ VIVENDO ESSE MOMENTO. ANTES DE ENTRAR PARA O THE VOICE ERA OUTRA REALIDADE. COMO FOI ESSA TRANSIÇÃO?

Tive a alegria de estar sempre muito bem acompanhada. Acho que só cantei minhas músicas por insistência dessa galera da banda Pretu.tu, que esteve comigo durante seis, sete anos, investindo nas minhas canções. Uma

A CANÇÃO DEPOIS RASGADO, EMOCIONADO

banda muito querida que acompanhou a Ellen Oléria, que fez eu me perceber como artista. Minha personalidade no palco foi forjada ao lado deles e dela: Paula Zimbres, Rodrigo Bezerra, Célio Maciel, Felipe Viegas, Pedro Martins, Léo Barbosa e agora Sandro Jadão, que está fazendo baixo. Estou falando de todo mundo que entrou e já esteve um tempo nessa banda. A gente tocou em teatros no Brasil inteiro. Antes de passar pelo The Voice Brasil, tive um GOG, que me levou para conhecer muitos lugares, me botou em muitos palcos e em contato com um público muito apaixonado. E conheci a banda Soatá, que me levou para tocar em

festivais no país inteiro. Sinto que, quando o The Voice aconteceu, eu estava preparada com todo esse cenário. Ouço muitos colegas de trabalho falando que precisaram sair de suas terras, de suas cidades para poder serem benquistos. Eu fui muito bem recebida na minha cidade desde que eu decidi que iria cantar.

MUITA GENTE SE APEGA À FAMA TAMBÉM. VOCÊ SENTIU ISSO?

Fama é você andar na vizinhança e ser querida, ter amigos e amigas que te querem e que querem compartilhar um tempo contigo. É ter um sorriso no rosto para entrar no ônibus, cumprimentar o

cobrador e receber um sorriso de volta.

MAS E A QUESTÃO DE SER TELEVISIONA- DA, NÃO INTERFERE?

Totalmente. Como diria uma poetisa que eu conheço e gosto muito: veneno letal começa pela imagem. Não escolhi passar por um processo televisionado em vão, eu acredito na força da imagem. A imagem é. Ninguém precisa explicar, está lá. A música é também imagem, a gente cria espaços acústicos, cenários inteiros, lugares, países com a música. A imagem é algo determinante e acho que ela é muito importante para música que faço. A TV deu essa possibilidade de a gente visitar muitos

lares brasileiros, se apresentar e compartilhar, né! A diferença que tem depois de uma superexposição como essa é o número. A gente está falando de sair da expressão de uma cidade de 2 milhões e 600 mil habitantes como Brasília ou uma tribo — isso um pouco espalhado pelo país — para uma dimensão de 190 milhões de pessoas. Não quero dizer que a gente, através da TV, chegue a todas as pessoas. Nem acredito que cheguei a todos os brasileiros estando aqui, mas a proporção de encontros é potencializada. Você vê os números que as pessoas falam: “Hoje, um milhão de pessoas assistiu a esse programa”. Um milhão de pessoas, dois minutos ou-

ARAÇUAÍ COM URUAÇU

“É muito nome indígena, né? Ele é do Vale do Jequitinhonha, dessa terrinha seca chamada Araçuaí. E minha mãe, de Uruaçu, a terra da melancia”, diz a cantora brasiliense sobre suas origens, mineira por parte de pai e goiana por parte de mãe. Atriz formada na Universidade de Brasília, ganhou visibilidade nacional e conquistou o país após a primeira edição do reality show *The Voice Brasil* de 2012. No entanto, em 2000 iniciou a carreira tocando nos bares de Brasília com os irmãos mais velhos, Eliene e Adailson, na banda *N Razões*. Apesar da pouca idade – tinha apenas 17 anos – a cantora foi ganhando espaço. Finalista de duas edições do Festival Universitário de

Música Candanga da UnB (Finca), tocou no Campus Sonoro e toda semana se apresentava em algum canto de Brasília. Conheceu o país com o rapper GOG e, ao longo da carreira, foi acompanhada pela banda Pretu.tu, que até hoje viaja nas turnês com a cantora. Detentora de uma voz ímpar, ela também é compositora e multi-instrumentista. Carrega consigo uma criatividade que ultrapassa as influências do rap, do hip-hop, do carimbó, da MPB, do samba e do forró. Fez história em Brasília, tornou-se a voz do Brasil e, por onde passa, deixa sua marca: “Conhece a carne fraca? Eu sou do tipo carne dura”, frase de uma das mais famosas canções de sua autoria: *Testando*.

vindo meu som, me reconhecem na rua. Isso é fantástico. A TV é mágica. As pessoas no nosso país são muito apaixonadas por esse fenômeno. No mundo inteiro ela tem uma expressão muito grande, principalmente com essa influência ocidental. Então, acho que é bacana a gente usar os mecanismos para chegar até as pessoas de uma maneira inteligente e respeitosa.

MAS VOCÊ MESMA NÃO ASSISTE MUITO À TV.

Não, não vejo muita TV. Sou muito fissurada em filme, curto muito essa linguagem. Inclusive estava brincando esses dias, porque a gente tem a TV, mas não tem antena em casa. Ou seja, a gente tem TV para ver filme.

E COMO VOCÊ FOI PARAR EM ARTES CÊNICAS?

Tinha feito o PAS (Programa de Avaliação Seriada) para Psicologia, mas estava muito inclinada a fazer História. Já estava estudando, fazendo intensivo. Aí parei numa madrugada para ver os *Cadernos de Cinema*, na TV Brasil, algo assim. E assisti um filme muito louco chamado *Das tripas coração*, roteiro e direção da Ana Carolina. E fiquei muito pilhada naquela parada, era muito surreal. Vi o debate que rolava de-

pois do filme com alguns entendedores da coisa e fiquei extasiada. Não consegui dormir. Pensei: “Preciso mexer com isso, preciso fazer algo que me aproxime disso”. Achei a música algo muito interessante no filme também e entendi que o cinema poderia me aproximar daquela coisa poética e histórica — o filme era antigo, me ligava a uma realidade política do país muito diferente. Eu poderia fazer isso sem me afastar da minha paixão pela música. É um mix de linguagens, né. Nunca tinha ido ao teatro antes, mas o que aconteceu depois desse filme é que descobri que não tinha o curso de cinema na Universidade de Brasília. O que significava que para fazer cinema, teria que pagar. A minha família não tinha condições de fazer isso, nem eu. Ou eu estudaria na UnB, ou não faria universidade. Então, fiquei pensando e achei que artes cênicas poderia me aproximar do cinema. E, finalmente, aos 21 anos eu fui ao teatro pela primeira vez. Foi muito bacana, achei que eu podia fazer aquilo também.

E AJUDOU MUITO NA PERFORMANCE MUSICAL TAMBÉM.

Acho que, como diria a Silvia Davini, as coisas que a gente faz marcam o nosso corpo. O teatro trouxe marcas muito bacanas

para mim. O encontro com Hugo Rodas foi muito bonito também, me trouxe muita experiência de estrada, que foi a primeira grande turnê que participei. A gente viajou 40 dias direto, Norte e Nordeste, com o espetáculo teatral Companhia dos Sonhos [em 2002]. Voltei da viagem certa de que eu precisava cantar mesmo.

FOI QUANDO VOCÊ PAROU DE NEGAR QUE IA SEGUIR CARREIRA MUSICAL.

A música vinha sempre na minha vida, mas como um plano B. E, quando eu voltei dessa turnê, eu coloquei ela em destaque nas minhas prioridades.

QUANDO VOCÊ FEZ SUA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO?

Eu aprendi a tocar com meu irmão, em casa, mas acho que aprimorei muito minha relação com a música nesse encontro dentro da Igreja, onde tem músicos com níveis muito diferentes, formações muito diferentes também. Alguns formados em escolas, outros formados como eu, na vida, né. E isso foi muito rico, inclusive, porque eu tive acesso a muitos instrumentos, toquei percussão, bateria. Acho que tive uma formação musical muito complexa e muito interessante graças a esse encontro com a Igreja Batista. A princi-

pio, ela era em Taguatinga Norte, em uma casa. Foi crescendo, crescendo... Aí foi para o centro de Taguatinga, lá na C7. Bem no Centrão mesmo. E é bem legal essa efervescência. Eu adoro Taguatinga!

COMO ERA SUA RELAÇÃO COM CIDADES-SATÉLITES E PLANO PILOTO

Eu não fazia essa diferença. Eu acredito que, talvez por não circular muito no centro de Brasília na minha infância nem na minha adolescência, nunca me interessei muito por atividades para cá [Plano Piloto]. A gente passava por aqui para ir à Rodoviária, ir ao médico. Vinha em alguns shows também. Mas só depois da universidade que acabei vindo mais para cá, porque tinha demanda. Então, acho que só aí percebi de uma maneira mais intensa a diversidade e o classismo dessas separações.

JÁ PENSOU EM SAIR DAQUI?

Sempre.

SEMPRE?

É, eu vivo de sair daqui. Minha vida é cigana. A tenda tá armada aqui, mas a gente sai.

MAS SEU LUGAR FIXO É AQUI.

É, eu tenho um lugar fixo aqui. Acho que tenho outros lugares fixos tam-



bém, tem outras pontes aí, acontecendo. Mas Brasília é apaixonante.

MAS TEM ALGUMA OUTRA CIDADE NO PAÍS QUE VOCÊ GUARDA NO CORAÇÃO COM UM CARINHO ESPECÍFICO?

Várias. Amo Salvador. O Rio de Janeiro, tenho um carinho especial, porque nos recebeu muito carinhosamente. Em São Paulo acontece algo incrível: todas as vezes que a gente vai para lá é surreal o carinho das pessoas com a gente. Adoro São Paulo. Em Belo Horizonte a gente tem amigas queridas. Acho que o país é grande demais e é legal ter colchão espalhado por aí.

VOCÊ FALOU QUE O GOG TE LEVOU PARA CONHECER MUITOS LUGARES. QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DELE PARA A SUA FORMAÇÃO MUSICAL?

Apreendi demais com o GOG. Conheci muita gente e me emocionei muito com ele pelo Brasil. Vi vários homens adultos chorando

de emoção, falando sobre o impacto da poesia do GOG na vida deles, porque a poesia dele é realmente muito incisiva, muito impactante. O rap tem algo de muito real, muito cotidiano. Essa narrativa urbanóide em primeira pessoa, que conta de uma perspectiva, de um ser, uma realidade compartilhada por muitas pessoas. Pessoas que muitas vezes vivenciam um cotidiano de dificuldade de acessos. Acredito que o rap espelha as desigualdades no nosso país e as pessoas sentem isso, se emocionam com a força revolucionária do hip-hop nas periferias, não só através da poesia, mas do grafite, break e todas as dimensões do hip-hop. O rap, o break, a discotecagem mesmo, acho que tudo isso revoluciona muito o pertencimento, a identidade o posicionamento político das pessoas.

VOCÊ REPRESENTA AS MINORIAS.

Eu represento uma grande maioria. Talvez por isso, a música que me atravessa

tenha permitido tantos encontros e me mantido viva até aqui. Acredito que nós somos muitas estapalhadas pelo país e estapalhando as fronteiras. Nós somos muitas e eu tenho cada dia mais convicção disso. Eu acho que isso é material, é real, é cotidiano. Não é nem algo que eu possa escolher ou negar. É. É quem eu tenho sido, é essa que eu sou. Enfim, estamos por aí.

SOMOS TODOS IGUAIS?

Não, com certeza não. Somos todas muito diferentes. Isso é maravilhoso. Tudo bem, somos todas diferentes. Compro um shampoo para meu cabelo, provavelmente você compra um outro tipo, porque somos diferentes. Você provavelmente usa um protetor solar fator diferente do meu. Ou não. Ou uma base diferente. A gente usa, provavelmente, roupas tamanhos diferentes, sapatos tamanhos diferentes. Provavelmente eu tenho uma sensibilidade à luz maior que você e precise de óculos escuros

ou sinto dor nos olhos e na cabeça. Temos demandas diferentes, heranças diferentes, doenças diferentes, belezas diferentes, desejos diferentes, vozes diferentes. Eu acho que somos muitas. Não somos iguais não. Acho que existe uma massificação e uma simplificação das identidades dentro desse processo capitalista que tem a ver com o consumo. Você precisa criar tribos e precisa chapar as pessoas dentro daquelas significações para que elas possam consumir, você precisa vender para determinado público. Mas nós somos muitas. Em algum momento a gente se massifica. Uma vez uma amiga falou que há estratos nossos que se massificam e é no momento em que o seu desejo se encontra com o meu que a gente se mistura. Até certo ponto, porque existe um outro desejo que você não compartilha comigo, então não somos massa nessa hora. Mas naquela outra hora a gente é. Eu acredito nisso. Acho que nós somos diferentes e tudo bem 

CARTA DO LEITOR

Sou estudante da FAC e recebi 2 exemplares da revista. Li por completo e gostaria de elogiar a todos pela boa apresentação visual da revista, a qualidade de imagens e a iniciativa de fazer uma revista semestral produzida por professores e alunos da Faculdade.

Gostaria também de sugerir para que nas próximas edições vocês abordem conteúdos mais relacionados à universidade, aos projetos de extensão e colocassem o endereço, tanto eletrônico, quanto presencial dos conteúdos abordados na reportagem. Não apenas uma vez, mas 3 fiquei procurando o local onde as pessoas abordadas moram, e foi contado apenas suas histórias. Alunos da UnB também têm muitas histórias interessantes para contar, e seria um modo de nos conectar aproximando professores e alunos, não somente na sala de aula. Retratar a realidade deles, como foi sair da universidade para o mercado de trabalho, relatar sobre eventos na cidade e congressos também são uma boa!

Esses são meus elogios e sugestões para próximas edições! Como faço para receber estes exemplares?

Um abraço,

Victória

EXPEDIENTE

Editora Executiva
Dione Moura

Editores Ana Carolina Kalume, David Renault, Paulo Paniago, Sérgio de Sá e Wladimir Gramacho.

Diretora de arte
Célia Matsunaga

Diretor de Fotografia
Marcelo Feijó

Reportagem Camila Curado, Felipe Bernardino, Isabella Calzolari, Johnatan Reis, Karla Beatriz.

Fotografia Anderson França, Diana Landim, Isabelle Araújo, Nathalia Zôrzo.

Design Beatriz Chaves, Camila Menezes, Ivan Sasha, Marcela Ribeiro, Raquel Câmara.

Capa Isabelle Araújo (Foto), Beatriz Chaves (Design)

Secretária de Redação
xxxxxxxxxxxx

Agradecimentos

Balaio Café, Casa de Parto de São Sebastião, Restaurante Terra Viva, Salão da Santa Dica.

Ano 9 nº 15
Faculdade de Comunicação – UnB

Diretor
David Renault da Silva
Departamento de Jornalismo
Sérgio de Sá
Departamento de Audiovisual e Publicidade
Érika Bauer

Coordenação Comunicação Organizacional
Asdrúbal Sobrinho

Endereço
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC, Ala Norte CEP 70.919-900. Brasília-DF
Tel. (61) 3307.24.61
Caixa Postal 04660

www.fac.unb.br

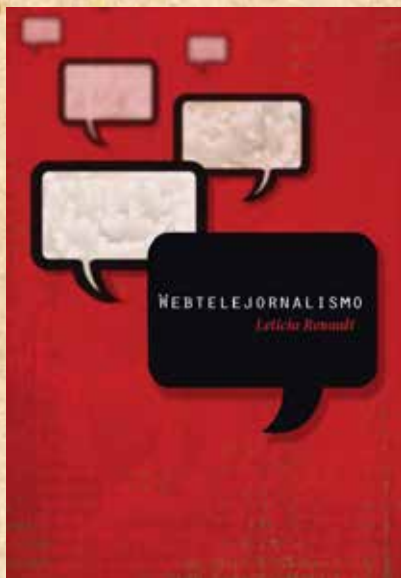
Impressão Gráfica Coronário
Tiragem 3000 exemplares

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e estudantes das disciplinas Laboratório *Campus Repórter* e Oficina de Diagramação. Faculdade de Comunicação-UnB. Ano 9, número 15, 2014.

Para enviar comentários para a editora-executiva ou pedir algum exemplar da nossa revista, entre em contato pelo endereço reportercampus@gmail.com.

Edições completas em:
<http://issuu.com/campus-reporter>

Curta nossa página no [facebook.com/RevistaCampusReporter](https://www.facebook.com/RevistaCampusReporter)



Webtelejornalismo

Autora
Letícia Renault
Editora
E-papers

A obra Webtelejornalismo traz a primeira pesquisa que enfrenta a questão de compreender como o telejornalismo produzido no Brasil se reconfigura diante da expansão da web. No universo do diálogo público gerado pelas instituições de comunicação no Brasil, é possível observar um esforço conjunto de tradicionais canais abertos de televisão para se adaptarem ao fenômeno da sociedade conectada em rede, buscando consolidar junto ao internauta, um território simbólico que assegure público ao telejornalismo, também no ciberespaço.



A rua no século XXI: materialidade urbana e virtualidade cibernética

Organizadores
Pedro Russi, Antonio Fausto Neto, Eliseo Verón, Paulo César Castro, Antonio Heberlé, Laura Guimarães Corrêa.

Editora
EdUFAL – Universidade Federal de Alagoas

Na obra A rua no século XXI, a rua é tomada como um espaço profundamente semiótico e como um objeto permanente de representações. O que é que faz o sentido da rua, considerando que ela é um espaço de significações? A rua é considerada então como fluxo, sendo feita de potencialidades que se deixam ocupar pelos transeuntes.

